

O MACÊTE É BOTAR NO A DE MADE

Quadrante II

Radio ME

3. 11. 62

© Porto 9. 1. 83

E U, pelo menos oficialmente, não tenho nada contra Washington nem contra Moscou. Cultivo o maior respeito por todos os governos do mundo — e por todas as oposições também. Mas neste momento, se dispusesse de um instrumento bastante poderoso, eu faria silenciar Washington e Moscou, isto é: a “Voz da América” e a Rádio Moscou, ambas falando em bom português do Brasil, dando notícias ou fazendo comentários sobre brasileiras, mas ambas me proibindo de ouvir o Brasil. Avanço pela madrugada junto ao rádio ouvindo silvos, estertôres, gritos e estrondos, morses e uivos, na esperança de captar o Brasil: e quando adivinho, por baixo daqueles fragores e zunidos, a tímida voz de meu país, e procuro fugir a êsses estrondos hertzianos para perceber o que diz o Rio de Janeiro — a “Voz da América” ou a Rádio Moscou (“a verdade é uma só: Rádio Moscovo não fala a verdade” — diz a todo momento a rádio portuguesa, ripostando herôicamente as cobras e lagartos que Moscou diz de Portugal daquém e dalém mar...) enfim, as vozes das duas grandes potências abafam a pobre voz do Brasil. A certa altura capto sinais de um sambinha, apuro as oíças, mexo várias rodinhas do aparelho: mas é a Suíça, a neutra e suave Suíça que agora se junta a Moscou e Washington para me interditar o Brasil. Deixem falar o Brasil! Vocês todos, que estão irradiando para o Brasil, que estão falando ao Brasil — vocês todos estão impedindo que um triste brasileiro saudoso, no fundo da madrugada, em um casarão solitário em algum lugar do estreito de Gibraltar, entre o cabo Espartel e o cabo Malabata, ouça a voz do Brasil! Até êsse vento Le-

vante que sopra uivando para o Atlântico, até êle parece unir-se às potências do mundo para me impedir de ouvir o meu país — esbandalha, derruba a antena que mandei armar no terraço... Vou dormir frustrado e só.

* * *

Mas outra noite eu recomeço mais cedo. A antena foi reinstalada, um técnico me deu conselhos, um amigo me trouxe à casa um dêsses radiomaníacos que sabem como se pega qualquer país do mundo. Chego em casa atrasado para tentar a “Voz do Brasil”: já passa de 11 horas, o que quer dizer que no Rio já passa das 8.

Tenho um papelzinho com as coisas escritas: faixa de 6 metros, canal 6.115 kc/s, Tupi S/A, Rio de Janeiro (GB) mas me atrapalho e me perco novamente entre as poderosas vozes das potências amigas ou neutras (perdão! as neutras também são amigas) até que, pelo telefone, o radioescuta perito pergunta qual a marca do meu rádio, eu digo, e êle então me dá o macête: “Bote aí em cima do A de MADE, um pouquinho mais sôbre a perna esquerda do A...” Tenho pouco tempo, preciso arrumar a mala pois esta noite vou dormir em Tetuan, onde devo comparecer a uma cerimônia amanhã cedo, enfracado e encartolado. “Mas tenho um companheiro inseparável...” Agora é Brasil não há dúvida nenhuma! A voz é ruim, o cantor é ruim, mas é Brasil: “...plangente violão...” Depois ouço a voz do locutor: o programa é “Calouro Nota 5”. Entra uma voz esganiçada de mulher em um velho samba-canção. E’ infame, mas saio de casa e disparo pela estrada de Tetuan com um consôlo no peito: era infame, mas era Brasil...